

ARTE / EDUCAÇÃO / AÇÃO

Teresa Torres de Eça

International Society of Education through Art (InSEA)

CONHECIMENTO

Pensamos o conhecimento, hoje, na sua fluidez, contrariando visões estáticas e hierárquicas, relacionando áreas de saber e maneiras de conectar. Procuramos caminhos que nos libertem da hegemonia redutora do acesso ao conhecimento com um fim económico. Sentimos que o conhecimento de que necessitamos é construído através da participação de todos numa procura colaborativa onde cada elemento da comunidade tem um papel importante. Sentimos que cada vez mais é necessário pensar alternativas democráticas para podermos plenamente construir o conhecimento a partir de praticas criativas e participativas. Se entendermos o conhecimento como uma procura, como percursos com possibilidades infinitas, temos que rever também como estamos a entender os campos da educação, cultura e participação:

We are using participation as a term that cuts across educational practices, creative processes, community life, and democratic citizenship. Our goals should be to encourage youths to develop the skills, knowledge, ethical frameworks, and self-confidence needed to be full participants in contemporary culture. (Jenkins *et al.*, 2009, 9)

Na educação temos visto um caminho de transformação e de emancipação social, uma utopia essencial para a cidadania ativa. Sem acesso à educação, sem oportunidades de construir, partilhar saberes e desenvolver novas visões do mundo, dificilmente poderemos pensar em participação democrática na cultura. Mas o fim da educação não é o acesso à informação. A informação é hoje tão acessível, tão exagerada que se perde pela quantidade e redundância. Na educação procuramos caminhos para lidar com a informação, para transformar as nossas experiências em conhecimento válido. Para isso precisamos de ferramentas críticas, de ferramentas emancipatórias que nos ajudem a entender-nos como pessoas e como membros de uma comunidade. Tendo tais pressupostos em conta, tem todo o sentido desenhar caminhos da arte na educação, porque através dos processos artísticos, a arte contemporânea abre janelas de questionamento, de indagação e de descoberta. Mas, parece-nos essencial situar esses processos dentro de perspetivas de aprendizagem não lineares, que apontem para o sincretismo e não para a fragmentação.

CONNECTIVISMO

Por conectivismo entendemos a integração de princípios explorados na teoria do caos, nas redes, em sistemas rizomáticos, e em teorias sobre complexidade que apresentam maneiras de estruturar e organizar sistemas de um modo não linear. Nessa visão a aprendizagem acontece em ambientes nebulosos, no interstício — muitas vezes não completamente controlados pelo individuo —, pode acontecer no acaso, nos encontros e nas interações não planeadas (Siemens, 2014). Muitas vezes os processos artísticos são também sistemas não lineares, onde o modo como conectamos os diferentes blocos de conhecimento se torna essencial. Ao trazer esses processos para a educação, como metodologias de aprendizagem abrimos caminhos para desenvolver a tomada de decisões, questionar os dados, distinguir, selecionar e transformar novas informações. Tudo é posto em causa a cada

momento, tudo se pode re-organizar, transformar e re-criar. Entre outras disciplinas as artes trazem ferramentas para lidar com as enormes quantidades de informação veiculada por suportes visuais e sonoros. Aprender com processos artísticos a partir de uma perspectiva conectivista pode trazer ferramentas úteis para reconhecer e distinguir informação necessária ou superflua, saber tomar decisões rapidamente de um modo crítico e criativo.

ARTE E EDUCAÇÃO / EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Falando do lugar que represento, a Sociedade Internacional de Educação através da Arte (InSEA), situo processos artísticos de exploração do mundo na educação num contexto humanista onde o acesso à educação através das artes deveria possibilitar o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos de todas as comunidades do mundo através da interpretação de objetos artísticos e do fazer artístico. Digo processos artísticos e não arte ou artes para incidir em processos e ações que são resultado de modos de pensar, modos de questionar, de planear e de criar com ferramentas e técnicas do território específico, normalmente chamado de arte ou artes, mas que também podem ser híbridas e transdisciplinares. Na história da educação formal temos visto que as artes, sobretudo as artes visuais, a educação visual e a educação musical têm tido presença, embora pouco expressiva, no currículo com disciplinas que relevam da 1) apreciação/fruição e interpretação de objetos artísticos: história das artes, artesanato e *design*; crítica de arte; estética; 2) análise crítica de objetos artísticos e de objetos da cultura dos media também denominado por educação para a cultura visual e 3) fazer artístico com a aprendizagem de processos, técnicas, ferramentas e suportes artísticos. Na educação não formal, especialmente em museus e espaços culturais, existe uma maior ênfase na apreciação, interpretação e análise crítica dos objetos artísticos e culturais que pertencem às coleções ou exposições dos locais visitados, embora nos últimos dez anos se tenha vindo a assistir a uma viragem para uma participação mais ativa das audiências através do fazer artístico em alguns espaços culturais e museus, também temos visto em alguns lugares que os serviços educativos deixam agora também espaço para o público desenvolver questões relacionadas com identidade e temas sociais através das artes. De igual modo na educação formal, em escolas e universidades temos visto que em alguns lugares os professores também deixam espaços mais relacionados com a exploração de questões identitárias e sociais através dos processos artísticos.

Mas claro, são apenas situações pontuais, existem muitas maneiras de estar na educação artística, algumas mais ligadas à expressão de sentimentos e pensamentos, outras ao ensino da técnica, outras à compreensão de objetos artísticos/culturais produzidos apenas em museus e circuitos elitistas legitimadores das artes; outras mais ligadas à análise crítica de objetos da cultura visual e ainda outras tantas de diferentes nuances.

De um modo geral, todos acreditamos que as artes são importantes na educação, embora nem todos lhe demos o mesmo peso. Essa variação pode estar conectada com conceitos de arte e com as diferentes finalidades que atribuímos às artes na educação.

Por um lado o discurso economicista tolera a educação artística para promover o ensino das técnicas artísticas, do *design*, da arquitetura e do multimédia — um discurso que vem diretamente da linha de Sir Henri Cole e da revolução industrial inglesa, onde os ‘arts and crafts’ eram tecnologia de ponta e que culmina na promoção do ensino artístico-tecnológico como mais valia para treinar profissionais nas indústrias criativas, sector de ponta em algumas economias atuais. Existe também um discurso muito significativo em alguns países de grandes lucros com consumo cultural que promovem a compreensão da arte como formação de públicos. Por outro lado, o discurso da educação estética, da educação através das artes, da educação para a expressão artística para todos como desenvolvimento pessoal e social prevalece em muitas praticas, embora nem sempre da mesma maneira. No centro de todas essas abordagens estão as artes como processo de conhecimento, relacionamento e atuação.

EDUCAÇÃO / ARTES / CULTURA

O texto introdutório do Congresso Europeu da InSEA de 2016 (23-24 de Setembro de 2016 na Universidade de Artes Aplicadas, Viena, Austria) introduz maneiras alargadas de ver as artes na educação, não só do ponto de vista da aprendizagem estética e técnica, nem apenas do ponto de vista do desenvolvimento da comunicação expressiva, da criatividade ou da compreensão e interpretação dos significados e contextos da cultura. Nesse texto reconheceu-se o carácter complexo do conhecimento, a diluição entre disciplinas e o apelo da educação para a cidadania e para a coesão social.

Since the onset of the educational turn, we find that knowledge, competences and skills have become fragmentary. At the same time, young pupils' understanding of content when reading texts appears to have suffered; they know how to play computer games but do not know how to use a computer in its diverse possibilities. They also unlearn emphatic and social skills. Knowledge has become extremely complex and seems to be understandable just via transdisciplinary approaches, but schools and curricula do not reflect these interrelations sufficiently yet. Creative skills are needed to transgress disciplines and to open up chances for education and society. Social and cultural participation should be enabled, social cohesion strengthened, creation and innovation facilitated (Texto retirado da agenda do Congresso Regional da InSEA, Universidade de Artes Aplicadas, Viena, 22–24 Setembro de 2016)

Parece então que as questões urgentes colocadas na atualidade a partir da educação artística se prendem com assuntos que relevam:

- do domínio das tecnologias eletrónicas para poder ter controle sobre os conteúdos e exercer liberdade de escolha;
- de competências empáticas e cívicas essenciais em ambientes de troca de informação através de complexidade de sistemas: colaboração, interacção e networking;
- do desenvolvimento de situações que explorem pensamento criativo: o que nem sempre acontece em sistemas reprodutivos de matriz institucional porque as pesadas máquinas burocráticas e metodologias de trabalho hierárquicas existentes tendem a desencorajar autonomia e ousadia promovendo a inércia e o conformismo;
- participação ativa – participação democrática;
- coesão social – diversidade cultural – inclusão – sentido de pertença e identidades.

O QUE A ARTE PODE TRAZER PARA A EDUCAÇÃO?

Pensando sobre a multiplicidade e complexidade das ações artísticas no âmbito das diferentes culturas que vemos hoje em diferentes lugares virtuais e físicos, penso que na educação precisamos rever o conceito de arte e discutir questões como: com quem faz arte?, como se faz?, onde se viabiliza? Para quem, com quem e para que se fazem produções culturais e artísticas? Qualquer abordagem às questões sobre Arte e Educação deverá partir de conceitos e definições permeáveis e mutantes sobre as variadas formas de conhecimento e relacionamento através de processos, ferramentas e suportes artísticos e quais os meios e os lugares com que e onde se transmitir esse conhecimento e se materializam essas relações.

Mas o que é de facto único no campo das artes? O que é que as artes trazem para a educação que os outros campos não trazem? As artes têm trazido visões únicas sobre o mundo. Através das experiências particulares de

conhecimento que os artistas comunicam ampliamos a nossa maneira de ver e sentir o que nos rodeia, a história e a humanidade.

As artes também trazem situações de aprendizagem únicas onde corpo e mente são integrados. As artes provocam ou podem provocar, dependendo das abordagens, situações de questionamento, instigando a procura do impossível e fomentando derivas no desconhecido. Mas, não podemos tomar isso como garantido; as artes na educação em vez de oferecer espaços estimulantes de aprendizagem podem ser castradoras e alienantes. O professor de artes ou educador artístico, que pela própria natureza da arte se deveria situar nas brechas do ser, estar e agir dentro e fora do sistema, geralmente encontra-se em margens muito limitadas com barreiras e regras muito rígidas que acabam por destruir todo e qualquer desejo de transgressão, procura do desconhecido e exploração de novas fronteiras. Muitas vezes os professores de artes e educadores artísticos ancoram as suas práticas em rotinas pré-estabelecidas, os seus contextos de trabalho são extremamente hierarquizados promulgando conceitos de arte elitista: e arte que legitima e é legitimada pelos poderes locais. Divulgando redes hegemónicas extremamente discriminadoras de culturas e de formas culturais.

Mas nem sempre é assim, muitos professores e educadores artísticos ajudam os alunos a desenvolver capacidades críticas, criativas, emancipatórias para uma verdadeira cidadania crítica e participação cultural ativa, tal como se refere mais adiante.

REDUZIR AS ARTES NO CURRÍCULO

Observamos hoje uma notória redução das artes nos currículos educativos de muitos países. As políticas educativas estão seriamente interessadas em minimizar a importância e o peso das artes e das humanidades na escolaridade obrigatória. Perguntamos porquê? Porque subvalorizar a importância das artes na educação? Porque cada vez se investe menos, porque cada vez se corta mais? O que fizeram as artes de errado para serem cortadas? Ou o que não chegaram a fazer para se manter no currículo obrigatório?

Temos algumas perguntas que deixaremos apenas em aberto. Porque assistimos a esta tendência redutora, que apenas reconhece as ciências, as línguas e a matemática? Porque se pretende uma educação apenas baseada no STEM (ciências, tecnologias, engenharia e matemática)? Que interesses estão por trás disso? Que tipo de cidadão se quer desenhar eliminando as humanidades e as artes? Esta especialização obsessiva não será um fenómeno de des-educação?

Quem ganha com a eliminação das áreas de conhecimento mais emotivas, mais subjetivas, mais críticas? Será que caminhamos para um ideal de construção de comunidades acríticas facilmente manipuláveis?

Quando vemos como as nossas universidades se transformaram em máquinas registadoras em vez de espaços de pensamento crítico, então estamos mesmo a braços com um sério problema axiológico. Precisamos de estratégias de submersão que nos ajudem a criar ações dentro das brechas dos discursos, precisamos cada vez mais CRIAR AÇÕES que sejam mais fortes do que os discursos.

ESTRATÉGIAS DE SUBMERSÃO

Nem todos os discursos políticos apontam para a redução do papel das artes na educação. A um nível macro, existe um discurso globalizante que apela para a sustentabilidade, para os valores humanistas e para a consciência planetária, que tem tido um papel importante na definição de estratégias locais tanto na formação de artistas como na formação de educadores e de artistas-educadores que se designam como agentes sociais. Nesse sentido,

podemos enquadrar estratégias de atuação particulares como por exemplo no círculo de universidades do Ártico: ASAD, onde se exploram as potencialidades da arte e do design, de ações artísticas aplicadas nas comunidades como uma resposta aos objetivos apontados pela UNESCO em relação às questões ecológicas, culturais e patrimoniais.

The neo-colonial circumstances and socio-cultural settings in the North presents challenges for art and design education and highlight UNESCO's goals for ecological, social, cultural and economic sustainable development. These objectives incorporate current issues such as the survival of local and regional cultures combined with their inhabitants' self-determination concerning their own culture while securing a social and economic stability for all the communities. In this volume it is not a question only of safeguarding cultural heritage, but also promoting cultural sensitive artistic activities, and cultural services (Jokela / Coutts, 2014, 9).

Observamos como a promoção de atividades artísticas e a agência ou serviço cultural podem navegar juntos, trazendo tipos de relacionamento diferentes do que estamos normalmente habituados a reconhecer nas artes, criando espaços mais políticos que por vezes se refletem no papel do agente social (social agency), aquele que age, ou faz ações, que poderíamos traduzir como serviço cultural com compromisso social. Arendt (2002) argumentava como o conceito de 'público' é gerado através da ação de múltiplos intervenientes, não pela homogeneidade, mas pela diversidade e pluralidade criando um espaço político. As artes podem promover um espaço de compreensão resultando na mudança de atitudes dos participantes e das audiências, podem evocar novos pensamentos, sentimentos e emoções, o que leva as pessoas a verem e pensarem de um modo diferente. As artes podem criar ações, projetos cooperativos que podem promover aspetos locais, culturais e comunitários (Hiltunen, 2010). Quando falamos desse tipo de artes estamos a falar em processos de subversão, de transformação social a nível local que podem integrar ou serem integrados na educação formal, não formal e informal.

O QUE A EDUCAÇÃO PODE TRAZER PARA AS ARTES?

A educação é um terreno fascinante, porque é transformador. A longo prazo a educação pode ter algumas repercussões nas sociedades e nos indivíduos. Esta utopia de reconstrução social interessa aos artistas socialmente comprometidos. Durante vários séculos os artistas apenas viram na educação um meio para subsistirem transmitindo conhecimentos teórico-práticos sobre estética, crítica de arte, história das artes e tecnologias de produção artística. Foram os filósofos e não os artistas a darem os primeiros passos da arte na educação. Na verdade, para um determinado tipo de artista-egocêntrico, a educação não oferece nada, a não ser uma mina de voluntários para mega produções artísticas onde se envolve a participação de pessoas da comunidade.

Mas o professor de artes, o educador artístico ou o artista social que trabalham em contextos educativos podem situar-se de outro modo, tendo em conta que o conhecimento é complexo e inter-conectado e que a aprendizagem é uma ação, um percurso com vários intervenientes.

One of the roles of art educators is to facilitate and design lessons so that making art involves creative ways of working on problems and in engaging with people. Students are required to take on different artistic roles, including inspiring empathy and critical thinking, as well as providing a platform for pupils to experiment with risk and innovation. (MacDonald / Jónsdóttir, 2015)

Creio que, na educação, as artes podem conectar não apenas com a utopia da transformação social, mas também com a humildade da ação política e local, criando novos modelos de mediação participativa. Entre artes Educação e Sociedade podemos pensar os contextos de relacionamento para um mediador que seja também

facilitador, provocador de pensamento e de experiências transformadoras de atitudes, que seja capaz de trabalhar com públicos e audiências muito diversas, sabendo escutar o que cada um tem para contar, sabendo construir uma procura de conhecimento em conjunto, provocando ações artísticas na comunidade.

DERIVAS

Dentre muitos processos relacionais de procura, escolho a deriva como exemplo de uma estratégia pedagógica entre artes e educação para ilustrar possíveis caminhos na mediação e de aprendizagem. Na deriva, caminhar junto é importante para uma aprendizagem colaborativa onde todos saem mais ricos. O percurso, a errância, o estar atento a si e aos que nos rodeia é um ato de construção e de transformação. Uma ação artística onde no ser e no estar construímos conhecimento. Somos, na plena consciência do verbo ser, individuais e coletivos. Estamos, na plenitude do verbo estar, e nesse ser e estar do lugar construímos a nossa história e as histórias dos outros, da paisagem e dos lugares. Através de memórias, evocações, partilhamos as estórias que em última instância materializam uma cartografia coletiva em um tempo e um espaço particular.

Em contextos locais onde urge provocar mudanças de atitudes em relação à paisagem, ao ambiente e à comunidade, processos artísticos tais como a deriva podem ser uma ferramenta muito boa para processar informação sobre questões emergentes, como por exemplo as mudanças climáticas dramáticas que estamos a assistir e fazer algo sobre esses assunto a um nível local. Lá, onde as políticas nacionais falham por excesso de discurso, falta de vontade ou interesses económicos multinacionais.

No Ártico, novas maneiras de ser e estar na arte e na educação trazem ventos de mudança:

I am going to act through hiking art with people who are worried about the mining plans in Lapland. In the most extreme case, people lose, once and for all, places that are important to their identities. My idea is to participate in those natural chores due to which people act in places they find important. Artistic action that pays attention to topobiography meanings and the narrative circulation can make a significant part of supporting the processing of changes. (Guttorm, 2015, 53)

No Sul da Europa, pensamos, falamos, escrevemos muito sobre todas estas questões, trazemos as artes para a educação e a educação para as artes, revisitamos conceitos de mediação cultural, citamos artistas ativistas que estão criando ações coletivas nas comunidades, buscamos o reconhecimento da educação artística e desenhamos estratégias mais emancipatórias nos nossos pequenos redutos, mas ainda não assumimos a necessidade de criar ações locais como fator essencial para a mudança de paradigma, numa sociedade dividida entre o virtual e o físico; reclamar o conhecimento com o corpo talvez seja um contributo único que as artes podem trazer para a educação. Imagens, sons, fragrâncias e movimentos acordam em nós um sentido do tempo diferente que evoca memórias, associações e sentimentos. Provocar ações físicas, de questionamento e de criação através de processos artísticos políticos talvez seja no futuro um dos maiores propósitos para as artes na educação, para podermos pensar uma cultura participativa onde se discutam as questões que realmente interessam para o devir e provocar ações para a transformação social e mudança de atitudes quanto às ameaças que assistimos em relação ao planeta e à humanidade.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah (2002): *Entre o Passado e o Futuro*. 5ª ed. São Paulo, Perspectiva.
- GUTTORM, G. (2015): «Contemporary Duodji – a personal experience in understanding traditions», en T. Jokela / G. Coutts (coord.), *Relate North: At Heritage and Identity*, Rovaniemi, University of Lapland, 38-60.
- HILTUNEN, M. (2008): «Community-based Art Education in the North – a Space for Agency?», en G. Coutts / T. Jokela (eds.), *Art Community and Environment. Educational Perspectives*, Bristol e Chicago, Intellect Books, 91-112.
- JENKINS, H. / K. CLINTON / R. PURUSHOTMA / AL ROBISON / M. WEIGEL (2009): *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*, Cambridge, MIT Press.
- JOKELA, T. / G. COUTTS (coord.) (2014): *Relate North: Engagement, Art and Representation*, Rovaniemi, University of Lapland.
- MACDONALD, Allyson / Ásthildur B. JÓNSDÓTTIR (2015): «Participatory Virtues in Art Education for Sustainability», en T. Jokela / G. Coutts (coord.), *Relate North: At Heritage and Identity*, Rovaniemi, University of Lapland, 60-82.
- SIEMENS, G. (2004): *Connectivism. A learning theory for the digital age* (<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>).